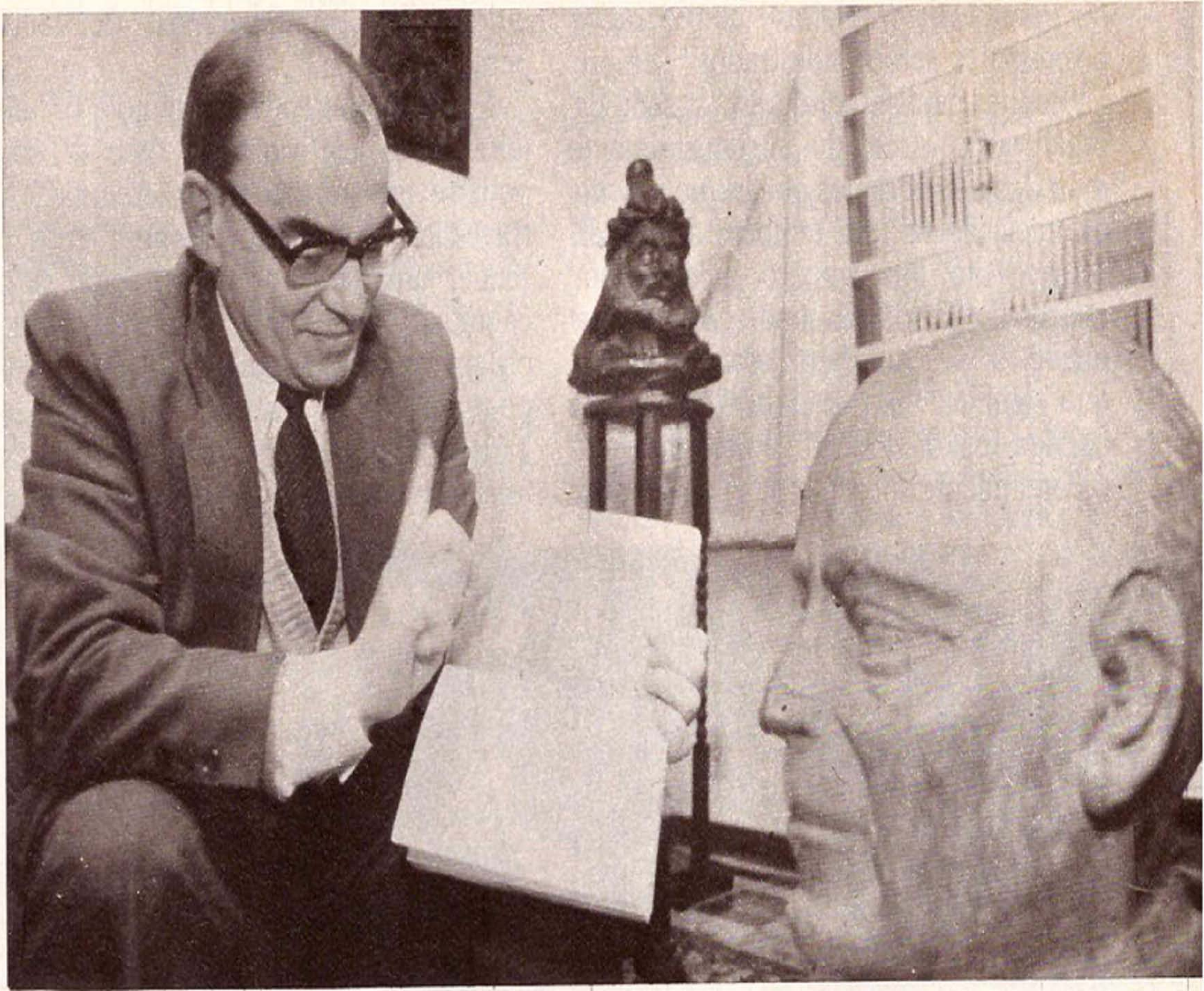

# ORLANDO FEDELI, RECRUTADOR MAGNÍFICO

Num artigo sobre o nascimento da TFP[1], Plinio Correa de Oliveira afirmou - sem citar seu nome - que ela cresceu depois que surgiu um "recrutador magnífico" (Orlando Fedeli).

E com razão. Fedeli era muito bom na tarefa de recrutar jovens. Antes da entrada de Fedeli, o "grupo" de Plino era pequeno, não mais que duas ou três dezenas de membros.

Porém, após a "conversão" de Fedeli, este passou a desenvolver um extremamente bem sucedido "apostolado", que inicialmente rendeu mais de trezentos (300) membros ao pequeno grupinho de Plinio, possibilitando a formação de um movimento de massa pujante, com forte impacto público, a TFP.

As aspas nas palavras "grupo", "conversão" e "apostolado" não são fruto de engano. Assim que o jovem se aproximava de Fedeli, geralmente atraído ou convidado por um dos seus alunos já recrutado,era aliciado sem tomar de início pleno conhecimento do movimento no qual se engajava .

Eu conheci Fedeli quando ele era professor secundário em São Caetano do Sul, onde aos 12 anos eu iniciava o Ginásio. Meu irmão mais velho tinha aulas com ele e só o elogiava; falava que ele era muito inteligente e boa pessoa.

Um dia, em meados de setembro de 1969, meu irmão falou que esse "Professor" (apelido pelo qual Fedeli era conhecido) promoveria um encontro de jovens em Rudge Ramos, perto de onde residiamos.

Fomos e ficamos encantados com o que vimos. A casa era uma velha mansão muito bonita e bem cuidada, com uma excelente varanda envidraçada, um sótão, comodos amplos e um jardim grande, com plantas e muitas flores, além de viveiros com pássaros de rara beleza, até araras!

---

[1] (https://www.pliniocorreadeoliveira.info/nasce-a-tfp-folha-de-s-paulo-22-de-fevereiro-de-1969/#gsc.tab=0) .

O local era a sede da TFP em São Bernardo do Campo, no bairro de Rudge Ramos, e se chamava "Claraval".

A reunião foi um sucesso, antecedida de um jogo chamado "batalha naval" realizado numa enorme mesa existente na varanda. Foi tudo divertido, o ambiente era agradável, as pessoas educadas, fomos tratados com atenção e respeito.

O "Professor" era simpático, nos atendia com paciência, respondia nossas perguntas, tirava dúvidas e nos ensinava coisas que jamais tinhamos ouvido falar.

Mais que isso: o que ele falava fazia sentido, pelo menos era o que parecia para nós, dois garotos inexperientes.

Ele timbrava em dizer que "*a verdade não tem contradições*" e que não deveriamos ter medo de enfrentar qualquer questão, de responder a qualquer pergunta. Ficamos todos encantados com esses ensinamentos e passamos a confiar sem reservas no "Professor".

No encerramento, Fedeli reuniu todos os jovens - eramos uns vinte - e fez uma espetacular palestra sobre a crise da Igreja, o mundo moderno, os perigos do comunismo, e como tínhamos o dever, como católicos, de combater o mal, principalmente através do esclarecimento das pessoas, pelo ensino da verdade. Chegou a desafiar Nossa Senhora a salvar a todos nós!

E, como fêcho, falou que o papel dele era de fazer de cada um de nós se tornasse um outro "Professor", igual a ele, com a mesma chama e o mesmo entusiasmo. Todos nós aplaudimos com vigor. Ele nos apresentava um ideal nobre e digno de ser perseguido: ser outros 'Professores" a lutar pela Igreja, a ensinar a verdade católica.

Estávamos conquistados para a causa, que pensávamos ser a católica. Passamos a fazer parte do "Grupo", o nome pelo qual o conjunto dos alunos fiéis a Fedeli era chamado internamente.

Meus pais notaram que tanto eu quanto meu irmão estávamos mudados, e perguntaram o porque. Contamos tudo, e meu pai, com sabedoria, perguntou: se ele é assim tão bom, tão convincente, porque só faz "apostolado" com crianças e jovens?

Eu não soube responder. Dias depois, em contato com outro aluno fiel de Fedeli - nós já eramos conhecidos no Ginásio como os "convertidos" - perguntei porque o "Professor" só fazia recrutamento com jovens. Ele me respondeu candidamente que era porque os mais velhos já estavam corrompidos e não conseguiriam enxergar a verdade.

Inexperiente, acreditei nessa justificativa. Porém, anos depois, ao estudar a história da Igreja, constatei que todos os Santos, e mesmo Nosso Senhor, ensinavam abertamente para todos, jovens e velhos, pobres e ricos, para pessoas boas e para pessoas más, corrompidas ou não.

Anos depois, cheguei a conclusão que aquilo que no início eu acreditava ter sido um convencimento livre não foi uma conversão, mas na verdade foi um choque emocional, típico de um processo de lavagem cerebral.

A apresentação de fatos impactantes, argumentos aparentemente sólidos - e um enorme carisma pessoal - nos conquistou.

Fomos expostos a uma verdadeira *magia fascinante*, coadjuvada com muita música retumbante, relatos históricos de feitos heróicos, emulação da vida de santos e cruzados, milagres, etc, que acabaram nos "convencendo".

Até Olavo de Carvalho, ao polemizar com Fedeli, percebeu o que era a sua tática de aliciamento. [2]

A pessoa que é alvo de um processo desses não admite - pelo menos na hora - ter sido aliciada.

---

[2] https://olavodecarvalho.org/o-metodo-de-aliciamento-do-sr-orlando-fedeli/ acessado 30.10.2025 19h41m

Éramos inexperientes, e confiamos - cegamente - no "Professor".

Só anos depois fomos acordar.

Percebi depois de alguns anos que o "Professor" era um mestre na arte de dissimular, de interpretar papéis.

Para as pessoas que ainda não havia conquistado, ele era todo simpático, conciliador e encantador. Para aqueles que já estavam sob seu controle, ele era duro e incisivo.

Aos poucos fomos percebendo que ele não tinha escrúpulos em tratar bem uma pessoa, na sua presença, e, assim que ela se ausentasse, passava a falar mal dela.

Isso acabou gerando consequencias muito ruins, com alguns se tornando verdadeiros espiões de Fedeli. Esses sabujos, verdadeiros capachos, estavam sempre se informando com todos, para ver se conseguiam algum fato que interessa-se ao Professor, para assim granjear suas boas graças.

Geralmente, esses espiões acabavam desprezados e chutados por Fedeli, que seguia o ditado "Roma não paga traidores".

Também, gerou deformações horrorosas, cujo exemplo máximo eram as reuniões que ele dava à noite em sua casa no Cambuci.

As reuniões começavam às 21h00, mas não tinham hora para terminar. Ficavam todos com receio de sair muito cedo, pois sabiam que assim que virassemos as costas começaria a maledicencia, orquestrada ou tolerada por Fedeli. Muitos acabavam saindo só de madrugada - era comum que as reuniões terminassem pelas 02h00 - e assim perdiam horas de sono.

Essas reuniões foram apelidadas **"Reuniões Salve-se Quem Puder**".

Acabei parando de ir nessas reuniões, tinha que acordar cedo para trabalhar, não aguentava ficar se dormir.

Fedeli também não permitia jamais ser contestado. Se alguém ousasse discutir com ele, era soterrado por uma avalanche de ataques pessoais, era maltratado, pressionado e tinha que se submeter. Se não se submetia, era "gelado" e na prática acabava expulso.

Anos depois, durante uma aula que Fedeli dava informalmente aos sábados de manhã em sua casa no Cambuci, tive outra experiência que me alertou.

Fedeli atacava a vaidade do mundo moderno, principalmente as cirurgias plásticas, que a seu ver eram sempre pecaminosas, horrorosas, péssimas, não prestavam.

Eu perguntei se elas não seriam boas nos casos de pessoas que se acidentam e que precisam muitas vezes reconstruir a própria face. Fedeli ficou furibundo, mas com muita má vontade admitiu "é, nesse caso elas são úteis" e mudou de assunto.

Daí para frente notei um certo distanciamento e frieza de parte do "Professor". Eu havia ousado dele discordar em público e isso ele não perdoava.

Muito tempo depois, comprei um livro americano sobre o Concílio Vaticano II, da autoria de dois escritores tradicionalistas. O título era "*The Great Façade - Vatican II and the Regime of Novelty in the Roman Catholic Church*", da autoria de Christopher Ferrara e Thomas E. Woods, dois pseudo-tradicionalistas de linha "reconhecer & resistir".

Levei o livro para Fedeli, e para minha surpresa, ele fechou na cara e falou:

- "Elias, voce não deve ler um livro sem antes me consultar. Tem muito livro ruim por ai que pode lhe fazer mal".

Eu respondi que era um livro de tradicionalistas, não me parecia haver nada de imoral ou perigoso nele.

Fedeli pegou o livro e examinou-o por alguns minutos. Em seguida me devolveu e falou:

- "Pode ler, esse livro não tem problema, mas na próxima vez me consulte antes."

Depois entendi porque Fedeli liberou o livro, que seguia a mesma linha galicana dele e condenava o sedevacantismo, que era o seu temor.

Nessa fase, eu já estava bem desconfiado do "Professor" e não o enfrentei. Deveria ter lembrado daquela sua promessa vinte anos atrás em Rudge Ramos, quando ele disse que iria fazer de nós outros tantos "Professores" como ele.

Se já homem feito eu não tinha capacidade de discernir um livro ruim de um livro bom, eu nunca teria.

Fedeli não cumpriu essa promessa de nos tornar Professores como ele. Não nos ensinou a pescar, só ficava nos dando peixinhos. E eu pensei que eram peixinhos. Na verdade, não eram... Fedeli nos mantinha no escuro.

Ele não queria que seus alunos estudassem livremente a doutrina da Igreja, pois se fossem aprender a verdade, iriam descobrir seus erros e seus enganos.

Ele nos alimentava com sujeiras e nos mantinha no escuro: eramos uns perfeitos "cogumelos" que ele manipulava sem piedade.

Importante, em suas aulas, diziam alguns a boca pequena, é aquilo que ele não fala, eram os assuntos que ele evitava, o que ele calava.

Fedeli nos ensinava erros como o galicanismo e o liberalismo católico e tinha o desplante de afirmar que só ensinava a doutrina da Igreja, ao mesmo tempo em que aceitava a seita conciliar e seus anti-papas.

Na virada do século, muitos dos alunos começaram a se informar e a descobrir os erros e as contradições do "Professor".

Ele, na verdade, não era um verdadeiro "Professor" que formava outros Professores, mas sim um controlador, um cultivador de "cogumelos".

Que éramos nós, crianças naquela época; e hoje de alguns poucos tontos, meia dúzia de gatos pingados, que ainda seguem seus erros, mesmo anos após sua morte.

Disso tratarei, com mais detalhes, no próximo artigo, "ORLANDO FEDELI, SENHOR DOS COGUMELOS".

- 0 -